



Jornalistas na crise: as carreiras interrompidas na mídia e a estrutura dual da profissão (2012-2017)

Jacques Mick¹
Sabina Estayno²

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O artigo analisa as trajetórias profissionais dos jornalistas de mídia diante dos efeitos da crise econômica e sociopolítica recente no Brasil sobre a categoria, num período marcado por transformações estruturais do ofício. O objeto de análise é um *survey* sobre trajetórias de jornalistas brasileiros de 2012 a 2017, respondido neste último ano por 1.233 profissionais que, cinco anos antes, haviam participado de pesquisa de perfil da categoria. Desse conjunto, são descritas e analisadas comparativamente as respostas de 517 jornalistas que atuavam em mídia em 2012. Os dados indicam que o trabalho na mídia foi fortemente afetado pela dupla crise, levando parcela significativa dos jornalistas a abandonarem a carreira ou a se deslocarem para empregos fora da mídia. O resultado reforça a percepção do jornalismo como atividade marcada por uma dualização estrutural, que separa uma minoria de jornalistas consagrados da ampla maioria de seus colegas, cada vez mais condenados a períodos de trabalho flexível e baixa remuneração, resultando em abandono precoce da carreira.

Palavras-chave: trajetórias profissionais; jornalistas brasileiros; crise; dualização estrutural; sociologia do trabalho.

¹ Professor dos programas de pós-graduação em Jornalismo e em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Sociologia Política. E-mail: jacques.mick@ufsc.br

² Bolsista de Apoio Técnico do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no projeto de pesquisa flexMediaLives, desenvolvido nos programas de pós-graduação em Jornalismo e em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Sociologia Política. E-mail: sabina.estayno@gmail.com.

Introdução

A mídia jornalística foi agente importante da crise sociopolítica e econômica experimentada no Brasil desde 2013 – e sofreu de modo particularmente intenso seus efeitos. Desde então, ao tempo em que se aprofundaram as mudanças estruturais do jornalismo associadas à convergência digital (multifuncionalidade, redefinição na divisão do trabalho, concentração na propriedade das mídias, entre outros fenômenos)³, a crise afetou de múltiplas formas o trabalho dos jornalistas. A queda contínua nas receitas com publicidade e anúncios levou ao fechamento de títulos impressos, a fusões e aquisições ou a reestruturações operacionais em cada empresa, sempre resultando no corte de empregos, na intensificação da exploração do trabalho (por extensão de jornada e/ou demanda de maior produtividade). O declínio das taxas de confiança na mídia, produzido tanto pela precarização do trabalho dos jornalistas, quanto pelo engajamento político das empresas, completa o contexto de dramática deterioração na qualidade do trabalho jornalístico.

Como os profissionais reagiram a esse conjunto de mudanças? Que estratégias adotaram em suas carreiras? Quantos tiveram de mudar de atividade? O que mudou no trabalho dos que permaneceram atuando em mídias? Quais as características dos jornalistas que continuaram empregados na mídia nesse período – e o que os diferencia dos que tiveram de abandonar o jornalismo? Para tentar responder a essas perguntas, convidamos 4200 jornalistas que haviam respondido a uma pesquisa de perfil da categoria em 2012 (MICK; LIMA, 2013) para, cinco anos depois, contar o que havia se dado em suas trajetórias profissionais.⁴ Aceitaram participar do levantamento 1.233 profissionais. O questionário procurou mapear as trajetórias profissionais no trabalho jornalístico: quantidade de vínculos empregatícios, mudanças de regime de contratação (carteira assinada, temporário, *free-lancer*, prestador de serviços ou pessoas jurídicas), aumento da quanti-

³ Para um balanço dessas mudanças, ver Figaro; Nonato; Grohmann (2013), Garcia (2009), Grohmann (2012) e Adghirni (2012).

⁴ Este artigo integra o projeto de pesquisa “flexMediaLives – Aferição e análise de riscos biográficos em mercados de trabalho flexíveis por meio de *big data*: o caso das carreiras de jornalistas na França e no Brasil”, financiado pelo CNPq. O projeto reúne, no Brasil, pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); na França, a equipe atua no laboratório de pesquisa Pacte, da Universidade de Grenoble.

dade de empregos e de horas trabalhadas, multifuncionalidade, salário, saúde e assédio no emprego, incidência de desemprego, abandono da profissão entre outros itens. Além disso, a pesquisa mapeou mudanças de natureza sociodemográfica (estado civil, escolaridade, renda familiar), opiniões políticas e avaliações sobre as perspectivas profissionais dos respondentes. A comparação de respostas nos dois questionários permite compreender melhor permanências e mudanças no trabalho dos respondentes.

O artigo se soma aos estudos que, no Brasil e em outros países, defendem a importância de pesquisas focadas em trajetórias (ou carreiras) profissionais para a compreensão mais detalhada das ações dos jornalistas diante das transformações no ofício (PEREIRA, 2011; 2013; 2015; ADGHRNI, 2012; BASTIN, 2016a)⁵. Especificamente, se aproxima dos esforços de Bastin (2016b, 2015) para a análise longitudinal das carreiras de jornalistas, em procedimentos que permitam à sociologia escapar das “duas armadilhas principais e simétricas da análise de carreira” (BASTIN, 2016b, tradução dos autores). A primeira é o que o autor designa “a mística do contexto – que impede de ver nos passos de alguém outra coisa diferente do caminho anteriormente traçado que ele ou ela decidiu seguir”. A segunda é a mística da carreira, “que às vezes, ao contrário, superestima a ideia de que todos podem ordenar sua vida e ter sucesso em sua carreira, traçando, passo a passo, o caminho que os levará ao seu destino”.

O artigo se estrutura em quatro seções. A primeira seção apresenta a metodologia e o perfil dos respondentes. A segunda situa as trajetórias dos jornalistas de mídia nos resultados gerais do estudo, compreendendo também profissionais que atuam em outras atividades. A terceira seção aprofunda os dados a respeito dos jornalistas de mídia. A seção final faz um balanço da pesquisa e aponta caminhos para a continuidade da reflexão sobre o tema.

1. Metodologia e perfil dos respondentes

A trajetória profissional é parte do ciclo de vida dos indivíduos na sociedade, compostos por fases biológicas, marcações espaço-temporais e, em especial, pelas mar-

⁵ Pontes e Mick (2018) elaboram uma revisão bibliográfica mais detalhada dos aportes da sociologia do trabalho e da sociologia das profissões nos estudos de jornalismo, apontando impactos e conexões com a pesquisa sobre trajetórias profissionais.

cas deixadas por relações sociais na escola e no trabalho (HUGHES, 2005). Do trabalho, e mais especificamente das profissões, resultam atribuições de status que marcam a identidade dos sujeitos (STRAUSS, 1999). “Nos momentos de transformações de atribuições, de descaracterização das posições de status e de crises estruturantes, a própria condição da carreira, para os indivíduos, pode estar em xeque, exigindo modificações importantes - por vezes o abandono - de uma trajetória profissional. Essa decisão não afeta apenas a relação do indivíduo com o trabalho, mas interfere em toda a sua vida” (PONTES; MICK, 2018). O estudo pretende alcançar algum nível de generalização na análise desses impactos, sobre as trajetórias individuais dos jornalistas, das transformações estruturais e da crise conjuntural.

O ponto de partida foi a base de dados obtidos pela pesquisa “Perfil do Jornalista Brasileiro”, um *websurvey* aplicado de setembro a novembro de 2012 e que obteve 4.200 respostas válidas, com respondentes de todos os estados e de fora do país, e que consolidou resultados representativos de categoria a partir de uma amostra de 2.791 jornalistas (MICK; LIMA, 2013). A pesquisa de campo foi concluída seis meses antes das manifestações de junho de 2013; foi, assim, a última grande investigação sociodemográfica sobre jornalistas antes da crise brasileira. Cinco anos depois, no segundo semestre de 2017, realizou-se um novo *websurvey*, com perguntas direcionadas aos 4.200 respondentes de 2012⁶. O campo da pesquisa “Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros” ocorreu de 16 de novembro a 14 de dezembro e obteve 1.233 respostas válidas. Baseado em estudo similar realizado por Bean, Weaver e Browlee (2009), o *survey* permite identificar padrões nas trajetórias profissionais de jornalistas no período e observar efeitos da crise sobre a categoria. Foram mantidas algumas perguntas idênticas nos dois questionários e, ao comparar as respostas em dois momentos diferentes da carreira, pretende-se compreender permanências e mudanças no trabalho dos respondentes.

⁶ Utilizou apenas o e-mail como instrumento de coleta, tendo o *software* de pesquisa *online Survey Monkey* como gerenciador. Como todos os respondentes da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro de 2012 registraram e-mail válido de contato, cada questionário foi validado pelo e-mail de contato pelo qual os respondentes receberam o link para a pesquisa. Em alguns casos em que o sujeito acessou o questionário com outro e-mail, o processo de saneamento da base confrontou dados das duas pesquisas para confirmar se a pessoa era a mesma. Em casos em que não se obteve certeza dessa associação, a resposta foi eliminada da base.

As 1.233 respostas obtidas advêm de todos os estados brasileiros e do Distrito Federal. A distribuição territorial e certas características sociodemográficas impedem que essa amostra reflita o conjunto da categoria – trata-se, portanto, de amostragem não-representativa. Participaram da pesquisa 754 mulheres (61,2%) e 479 homens (38,8%), o que corresponde à proporção aproximada da maioria feminina do jornalismo brasileiro (dois terços da categoria) (MICK; LIMA, 2013). Quanto à cor e raça, 73,1% das respondentes declararam-se brancas, 19,9% pardas e 4,4% pretas. Os respondentes, em 2017, concentram-se nas faixas de 26 a 30 anos (27,7%, sendo que apenas 2,6% têm até 25 anos), 31 a 35 anos (27,4%) e 36 a 40 anos (14,3%). De modo pertinente à faixa etária, 32,9% dos respondentes declararam estar casados e 19,9% em união estável, o que soma 52,8% - em comparação com 2012, quando 33,8% encontravam-se casados ou em união estável. A inversão se materializa no número de solteiros, que eram 60,5% em 2012 e em 2017 passaram a 39,4%.

A distribuição dos profissionais por tipo de atividade dentro do jornalismo mudou significativamente em cinco anos (Tabela 1). Em 2012, os 1.233 respondentes que trabalhavam em jornalismo estavam em sua maioria com empregos na mídia (54%). As assessorias, ainda que importantes, absorviam 40%. Em 2017, as trabalhadoras da mídia foram reduzidas para 45% e as que integram as assessorias também a 45%. As transformações estruturais do ofício e a crise político-econômica produziram efeitos principalmente sobre o emprego dos respondentes nas mídias e/ou redações (14 pontos percentuais a menos em cinco anos, na coluna com o conjunto dos tipos de ocupação).

Tabela 1 – Jornalistas por área de atuação profissional (2012-2017)

Em seu trabalho principal como jornalista, qual a área de atuação?	2012			2017		
	N	%	%*	N	%	%*
Fora da mídia em docência (na formação superior de jornalistas ou outras áreas de conhecimento)	58	5	6	79	6	10
Fora da mídia em outras atividades (assessoria de imprensa ou comunicação ou outras áreas que utilizam conhecimento jornalístico)	387	31	40	348	28	45

Mídia (veículos de comunicação, produtoras de conteúdo etc.)	517	42	54	343	28	45
Não trabalham em jornalismo	271	22		463	38	

* Percentual sobre respostas dos que trabalham em jornalismo

Fonte: Base de dados da pesquisa "Trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017)"

Quanto às características sociodemográficas, o grupo de jornalistas de mídia guarda poucas diferenças em relação ao conjunto dos respondentes: há menos mulheres (54%) e mais pessoas em união estável (23%); a distribuição por cor-raça e faixa etária, contudo, é semelhante à descrita no parágrafo anterior. A escolaridade no grupo de mídia elevou-se em cinco anos. Em 2012, 63% tinham curso superior e 35% eram pós-graduados; cinco anos depois, a soma de respondentes com especialização, mestrado e doutorado chegou a 50%⁷. Tais taxas, contudo, são inferiores às do conjunto dos respondentes, entre os quais o número de pós-graduados chega a 59%.

Tabela 2 – Variação no grau de instrução dos jornalistas de mídia (2012-2017)

Qual o seu grau de instrução?	2012		2017	
	N	%	N	%
Doutorado	4	1	11	2
Ensino Fundamental	1	0	0	0
Ensino Médio	11	2	4	1
Ensino Técnico	2	0	1	0
Especialização	125	24	167	32
Mestrado	50	10	85	16
Superior (Bacharelado / Licenciatura)	324	63	248	48
Superior tecnológico	ND	ND	1	0
Total	517	100	517	100

⁷ Esse dado pode ter sido afetado pelo viés de auto-seleção, uma vez que indivíduos com maior escolaridade têm maior propensão a responder pesquisas.

Fonte: Base de dados da pesquisa "Trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017)"

A tendência é de continuidade na elevação das taxas de formação, configurando um panorama de forte educação continuada. Dos jornalistas de mídia, 26% estavam estudando em 2017, sendo 11% em mestrado ou doutorado, 8% em especialização e o restante em outros níveis de formação.

2. Trajetórias no conjunto da categoria

Em cinco anos, cresceu significativamente o número de profissionais que se afastaram da profissão – por aposentadoria, desemprego ou emprego em atividade não-jornalística. Em 2012, esse grupo era formado por 22% dos respondentes e, cinco anos depois, a taxa cresceu para 38% (Tabela 1) – ou seja, nesse intervalo de tempo, o total de jornalistas fora da profissão pode ter chegado a quatro em cada dez, reforçando as hipóteses dos estudos que têm descrito o jornalismo como um ofício de curta duração, praticado predominantemente por jovens que, a partir de certo momento em suas vidas adultas, decidem se deslocar para outras atividades.

Como notaram Pontes e Mick (2018), desses 16 pontos percentuais, a maior parcela (11 pontos) é de profissionais que já trabalharam como jornalista, estão empregados agora, mas não na profissão. O segundo principal fator de desengajamento profissional é o desemprego: o volume de não-ocupados entre os respondentes cresceu de 5% para 8%. Com taxas menores, aposentadoria e dedicação integral aos estudos completam o quadro de desengajamentos.⁸ As proporções são idênticas no subgrupo de trabalhadores de mídia.

Os respondentes que deixaram a profissão saíram sobretudo de trabalhos na mídia, mas também fora da mídia houve redução de postos de trabalho, embora bem menor. A Tabela 3 compara os tipos de atividade dos jornalistas em 2012 com aqueles que os respondentes exerciam em 2017. Os dados indicam que:

a) o grupo de mídia tem o menor percentual de trabalhadores que permaneceram na mesma área de atuação (49,5%, menos da metade);

⁸ Em contraposição ao grupo dos desengajados, o bloco dos que cinco anos atrás nunca haviam trabalhado em jornalismo reduziu-se à metade (de 4% para 2%).

- b) no grupo dos que estavam fora da profissão em 2012, 68,3% permaneceram nessa situação cinco anos depois, o que parece indicar que sair da carreira é, na maior parte das vezes, um caminho sem volta; a despeito disso, 31,7% desse bloco ingressaram em atividades no jornalismo no período (o que se explica pelo número bastante elevado de respondentes em início de carreira em 2012);
- c) o grupo de docentes é, entre os três que atuam na profissão, o mais estável: 65,5% permaneceram nessa condição. Também é o grupo em que se produz menor evasão (20,7%, provavelmente concentrada em aposentadorias);
- d) as trocas entre mídia e fora da mídia são minoritárias em cada subgrupo: 17,8% dos que atuavam em mídia em 2012 foram para fora da mídia em 2017 e 12,9% dos que estavam fora da mídia em 2012 foram para a mídia em 2017; em ambos os casos, esse tipo de troca é menos comum do que sair da profissão. Esses números indicam que as trajetórias que flutuam de postos na mídia para fora da mídia e vice-versa não são muito numerosas (restritas a menos de 20% nos dois casos), ou seja: a hipótese mais provável é de carreiras paralelas, na mídia, fora da mídia e na docência, relativamente estáveis dentro desses subgrupos; quando há acidentes na carreira, como transformações estruturais ou uma crise conjuntural, a alternativa mais frequente é tentar permanecer na mesma área de atividade; em seguida, sair da profissão; só depois vêm as migrações dentro da carreira. Isso se confirma nos três subgrupos.

Tabela 3 – Variação nas áreas de atuação dos jornalistas (2012-2017)

Área de atuação em 2012	N	% sb total	% sb quem atua	Área de atuação em 2017	N	% sb total	% sb quem atua	% na área	% evasão na área
Mídia	517	41,9	53,7	Mídia	256	20,8	33,2	49,5	
				Fora da mídia	92	7,5	11,9		
				Docência	18	1,5	2,3		
				Fora da profissão	151	12,2	19,6		29,2
Fora da mídia	387	40,2	40,2	Mídia	50	4,1	6,5		
				Fora da mídia	216	17,5	28,1	55,8	
				Docência	6	0,5	0,8		
				Fora da profissão	115	9,3	14,9		29,7
Docência	58	6	6	Mídia	2	0,2	0,3		

				Fora da mídia	6	0,5	0,8		
				Docência	38	3,1	4,9	65,5	
				Fora da profissão	12	1	1,6		20,7
Fora da profissão	271	22	-	Mídia	35	2,8	4,5		
				Fora da mídia	34	2,8	4,4		
				Docência	17	1,4	2,2		
				Fora da profissão	185	15	24	68,3	68,3
Totais	1233				1233				
Total na profissão	962	78			770	62			

Fonte: Base de dados da pesquisa "Trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017)"

Não é possível conhecer, por esses dados, como variou o estoque geral de empregos para jornalistas na mídia ou em outras áreas de atuação no período. Há mais de 300 cursos superiores de formação de jornalistas, que entregam ao mercado de trabalho a cada ano ao menos 10 mil novos profissionais. Como não há nenhum órgão que centralize as variações de emprego no setor (conselho, ordem, sindicato ou organismo do Estado), não é possível saber se as evasões referem-se a postos de trabalho fechados ou a posições ocupadas por egressos do ensino superior. Na mídia, isso significa que não se pode afirmar que as redações foram reduzidas à metade nesse período, já que 51,5% dos respondentes saíram de meios de comunicação; ao menos uma parte desses postos pode ter sido ocupada por recém-formados e 7% foram substituídos por jornalistas advindos de fora da mídia, da docência ou de fora da profissão.

3. Efeitos das crises sobre os jornalistas de mídia

Entre os jornalistas que atuavam na mídia em 2012 e continuaram na profissão, o número de fontes de renda permaneceu estável: cerca de 70% mantiveram apenas um emprego, enquanto aproximadamente 25% tinham dois ou mais empregos e 5% eram freelancers (Tabela 4). A comparação das jornadas de trabalho também indica poucas mudanças: uma minoria segue atuando por até cinco horas (na faixa de 10%), enquanto a maior parcela trabalha de mais de cinco a oito horas (variação de 52% em 2012 para

57% cinco anos depois) e um grupo significativo segue com mais de oito horas por dia (32%, cinco pontos percentuais a menos que em 2012).

Tabela 4 – Variação nas fontes de renda dos jornalistas de mídia (2012-2017)

Quantos empregos (ou fontes de renda diferentes) em funções jornalísticas tem atualmente?	2012		2017		
	N	%	N	%	% sb na mídia
Fora da profissão	-	-	152	29	0
Atuo como freelancer	29	6	17	3	5
Dois	99	19	71	14	19
Nenhum	3	1	3	1	1
Quatro ou mais	9	2	6	1	2
Três	19	4	11	2	3
Um	358	69	257	50	70
Totais	517	100	517	100	100

Fonte: Base de dados da pesquisa "Trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017)"

Ao longo de suas trajetórias, boa parte dos jornalistas que atuavam na mídia em 2012 logrou alcançar ascensão salarial no período, embora as faixas mais altas de renda tenham se tornado ainda mais restritas (Tabela 5). A presença de respondentes nas faixas até quatro salários mínimos caiu de 50% para 35%. A faixa de quatro a cinco mínimos permaneceu estável em 15% dos respondentes e houve aumento de 30% para 47% nas faixas de cinco a vinte salários mínimos. No topo da pirâmide de renda, acima de vinte mínimos, o percentual de respondentes caiu de 2% para 1%. Ou seja: a parte da categoria que conseguiu permanecer na carreira progrediu um pouco em termos salariais, apesar das crises, mas a elite profissional continuou com a mesma dimensão.

Tabela 4 – Variação na renda dos jornalistas de mídia (2012-2017)

Qual a sua renda mensal proveniente do trabalho como jornalista ou professor de jornalismo?	2012		2017		
	N	%	N	%	% sb na mídia
Fora da profissão	-	-	152	29%	-

Até 1 salário mínimo	29	6%	5	1%	1%
Mais de 1 a 2 salários mínimos	49	9%	22	4%	6%
Mais de 2 a 3 salários mínimos	90	17%	47	9%	13%
Mais de 3 a 4 salários mínimos	92	18%	56	11%	15%
Mais de 4 a 5 salários mínimos	79	15%	53	10%	15%
Mais de 5 a 10 salários mínimos	104	20%	128	25%	35%
Mais de 10 a 20 salários mínimos	51	10%	43	9%	12%
Mais de 20 salários mínimos	11	2%	5	1%	1%
Não informa	9	2%	4	1%	1%
Sem renda	3	1%	2	0%	1%

Fonte: Base de dados da pesquisa "Trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017)"

Quanto à renda, os jornalistas formam um grupo predominantemente com remuneração inferior a dez salários mínimos: 85% estão nessa faixa. Entre dez e vinte mínimos, essa faixa larga, equivalente em níveis a toda a faixa anterior, estão apenas 12% dos jornalistas. Na faixa da elite, acima de vinte mínimos, encontram-se somente de 1% a 2% da categoria. Como a precarização atinge mais fortemente os mais jovens e os que iniciam na categoria, o estudo de 2017 aponta relativa melhora para os que permaneceram na profissão, devido ao aumento da experiência e a avanços próprios da carreira. Mas a forte precarização da atividade jornalística, atestada na pesquisa de 2012, manteve inalteradas suas características: o trabalho ainda exige longas jornadas, mais de um emprego concomitante (para um terço da categoria), multifuncionalidade, produtividade intensa em ambiente às vezes adverso. Assédio moral é comum, assédio sexual é menos frequente, mas ainda presente, vitimando sobretudo mulheres.

As condições adversas contribuem para a redução no tempo de carreira dos jornalistas. A análise do tempo de trabalho dos respondentes em atividades jornalísticas indica uma curva crescente até dez anos completos, concentrando nas faixas iniciais 57% do total (39% na faixa de 6 a 10 anos) (Tabela 5). O número de trabalhadores nas

faixas acima de 10 anos de carreira cai constantemente até os 30 anos, mas chega a 9% no grupo com mais de 31 anos – que concentra os jornalistas de mídia consagrados.

Tabela 5 – Extensão da carreira dos jornalistas de mídia (2017)

Por quanto tempo trabalha/trabalhou como jornalista profissional e/ou professor de jornalismo? (Anos completos)	N	%
Até 1	10	2%
2 a 5	82	16%
6 a 10	200	39%
11 a 15	79	15%
16 a 20	39	8%
21 a 25	32	6%
26 a 30	28	5%
Acima de 31	44	9%
Nenhum	3	1%

Fonte: Base de dados da pesquisa "Trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017)"

Combinadas, a longevidade das carreiras e a distribuição dos jornalistas de mídia brasileiros por faixa de renda proveniente do trabalho indicam uma configuração dual da profissão, formada por uma minoria de alta visibilidade e remuneração, uma maioria em condições bastante precárias, e o grupo intermediário que comporta as elites locais ou regionais. No mundo dos jornalistas consagrados, circulam poucos profissionais, mais bem remunerados e com maior acesso a outras compensações financeiras e simbólicas, derivadas do grau de projeção que alcançaram em suas carreiras (são personagens de publicidade, escrevem livros patrocinados, dão palestras remuneradas, lançam produtos). Tais jornalistas também gozam de maior autonomia justamente porque, para poderem chegar ao ponto em que estão, demonstraram prescindir de controles ou sanções – ou seja, provaram capacidade de ajustamento a políticas editoriais ou às normas não escritas que a cada momento condicionam o trabalho dos jornalistas.

tas. Esse grupo muda pouco ao longo do tempo: dez ou vinte anos atrás, as estrelas do jornalismo brasileiro eram mais ou menos as mesmas.

O outro grupo, majoritário, tem o grupo minoritário dos consagrados como parâmetro de competência.⁹ O perverso, para o bloco minoritário, é que os consagrados ocupam as posições mais ambicionadas no campo em condições quase indisputáveis. A estrutura dual se repete nas mídias locais e regionais: para todo Merval Pereira há um colunista local de política, com 70 anos de idade, 50 de carreira, presença diária em rádio, jornal, televisão e internet. Jovens repórteres de política que ambicionam a essa posição de prestígio devem ter paciência – ou torcer por uma improvável tragédia. É compreensível que a maioria desista depois da primeira década de espera. Além disso, o bloco majoritário de jornalistas tem escassa autonomia. São submetidos periodicamente à prova do ajustamento às coerções editoriais escritas ou informais. Trabalham em equipes pequenas, fortemente vigiadas. Atuam em veículos de pequeno porte, vulneráveis econômica ou politicamente – boa parte, aliás, existente para servir a interesses econômicos e políticos específicos, e não a qualquer racionalidade própria do campo jornalístico.

Ver os jornalistas desse modo nos ajuda a observar a distribuição desigual do alcance dos enunciados de uns e de outros, em qualquer contexto, em especial os de disputa política. Em 2012, o Brasil tinha cerca de 145 mil jornalistas. Desses, 76% atuavam na profissão (os demais estavam desempregados, aposentados ou tinham mudado de profissão, embora ainda se considerassem jornalistas). Ativos, portanto, havia uns 110 mil jornalistas. Dos que trabalhavam em jornalismo, 55% estavam na mídia, 40% fora da mídia e 5% eram professores – 60.500, 44.000 e 5.500, respectivamente. A elite dos jornalistas de mídia é um grupo de menos de 2 mil profissionais, bastante homogêneo em termos sociais (padrões semelhantes de formação, capital social, capital simbólico, relações com agentes do campo do poder). Os agentes desse grupo mantêm estreito contato uns com os outros, em relações de cooperação ou, mais raramente, de conflito.

⁹ Os processos de sociabilização dos jornalistas começam na universidade, com o reconhecimento dos jornalistas que se deve admirar ou repudiar: dependendo do tipo de escola, o polo pende para William Bonner ou para Caco Barcellos; para Ricardo Noblat ou para Jânio de Freitas; para Boris Casoy ou para Ricardo Boechat.

Os enunciados que subscrevem circulam mais e são recebidos com atenção especial pelo segmento do público formado pela maioria dos jornalistas.

4. Síntese dos resultados e considerações finais

Entre 2012 e 2017, as jornalistas de mídia no Brasil sofreram o efeito cruzado de transformações estruturais na profissão e da crise sociopolítica e econômica no país. Como resultado, só metade delas continuou atuando em veículos de comunicação: três em cada dez saíram da profissão e outras duas permaneceram no jornalismo, em funções fora da mídia ou de docência. Como notaram Pontes e Mick (2018), as características do trabalho jornalístico no Brasil – a carga horária mais alta, a quantidade de vínculos empregatícios e a qualidade de tais vínculos – permaneceram estáveis para quem continua exercendo a atividade, na mídia ou fora dela: estáveis na precariedade. A média salarial dos que seguiram na profissão melhorou nos últimos cinco anos, resultado do aumento de status e da experiência adquirida na carreira, mas as possibilidades de crescimento na renda esbarram numa espécie de teto. As atividades na mídia sofreram maior impacto negativo entre as três áreas de atuação dos jornalistas – é nesse segmento que a dimensão editorial da crise produz seus efeitos mais diretos.

Observar as trajetórias de jornalistas no período nos permitiu vislumbrar o fenômeno da dualização estrutural. A carreira se divide sobretudo em dois grupos: uma reduzida elite beneficiada por vínculos estáveis, remuneração mais elevada, maior autonomia e que permanece por longo tempo na profissão; e um grupo majoritário, subordinado permanentemente a condições adversas de trabalho em termos de jornada e/ou número de vínculos, com um teto de remuneração, menor autonomia e que tende a desligar-se da profissão depois de dez anos de carreira. Dinâmica semelhante se repete em outros países, mesmo naqueles em que a legislação proíbe a propriedade cruzada dos meios de comunicação, impedindo oligopólios como os que existem no Brasil. Na França, por exemplo, os jornalistas mais bem pagos e de maior visibilidade também atuam em TV, rádio, jornal e internet. A celebração alcançada pelos jornalistas ao longo de suas trajetórias (às vezes impulsionada por estratégias das empresas de comunicação) favorece, portanto, a existência da estrutura dual.

A interpretação densa da estrutura dual da carreira demanda novos estudos sobre suas causas, configurações, significados e efeitos. Para a explicação desse fenômeno, concorrem tanto as críticas à concentração da propriedade (e da audiência) das mídias em poucos grupos, quanto as observações de Gorz (2003) e Boltanski e Chiapello (2009) a respeito da configuração dual dos mercados de trabalho capitalistas em perspectiva internacional. Se a condição para a existência de trabalho bem remunerado e cercado de direitos sociais e sindicais nos países ricos é a existência de trabalho precário nos países de menor renda (cf. GORZ, 2003), dinâmica análoga pode ser apontada para o emprego de jornalistas no Brasil: para que uma minoria de profissionais possa ostentar prestígio, renda alta e outras formas de status, a maioria dos jornalistas partilha condições adversas quanto à exploração do trabalho (e renda média)¹⁰. A juvenilização pode cumprir um papel importante nesse processo, ao assegurar a constante substituição de trabalhadores experientes por egressos recentes do ensino superior. Como observou Standing, “a juventude sempre entrou na força de trabalho em posições precárias, esperando provar seu valor a aprender” (2014, p. 106)

A existência de uma estrutura dual produz uma série de consequências sobre a categoria. Uma delas envolve as desigualdades de gênero: a elite da profissão, mais velha e predominantemente masculina, ocupa as posições dominantes numa categoria feminina em sua ampla maioria. Outra consequência incide sobre as perspectivas de carreira: desestimulados pela escassa chance de alcançar posições dominantes no campo, parte significativa dos jornalistas desiste da profissão e mobiliza os capitais acumulados no campo jornalístico (sobretudo, o social e o simbólico) para reconfigurar sua atuação em outros setores.

Novas pesquisas podem investigar as consequências políticas da estrutura dual, visto que nela há escasso espaço para a divergência ideológica. Majoritariamente com-

¹⁰ Nos termos de Boltanski e Chiapello (2009, p. 253), a precarização de certos empregos levou “à dualização dos assalariados e à fragmentação do mercado de trabalho, com a formação de dois mercados: por um lado, uma mão de obra estável, qualificada, beneficiada por um nível salarial relativamente elevado e na maioria das vezes sindicalizada nas grandes empresas; por outro, uma mão de obra instável, pouco qualificada, mal remunerada e pouco protegida nas pequenas empresas prestadoras de serviços subsidiados”. No jornalismo brasileiro, a desigualdade pode tanto se dar dentro das poucas grandes empresas empregadoras, quanto entre empresas menores e seus prestadores de serviço terceirizados; além disso, deve-se notar que a qualificação não parece ser um diferencial significativo entre os dois grupos de jornalistas, uma vez que o acesso ao ensino superior é uma base comum a quase toda a categoria.

posto por militantes de um liberalismo raso, apressado a ver no Estado a fonte de todos os males, o grupo de elite tem cotas para simpatizantes da esquerda – aos quais, contudo, é vedado o proselitismo permitido aos demais. Na elite profissional, poucas vezes à esquerda fazem o contracanto, em backing vocal, ao coral de mil vozes da direita. No maior dos grupos de mídia, os analistas se encontram em conclaves frequentes, mas todos têm a mesma opinião¹¹. Tal unanimidade não se encontra na sociedade.

A estrutura dual da carreira produz seus efeitos num ecossistema midiático em transformação. Nas fissuras do sistema dominado por oligopólios, se multiplicam discursos jornalísticos de resistência, em geral amalgamados por perspectivas políticas não contempladas pelo monopólio da opinião. Com recursos em nada comparáveis aos da mídia tradicional, frequentemente baseados em trabalho voluntário, microexperiências jornalísticas disseminam alternativas de informação ou opinião em tópicos de interesse local, regional ou nacional. Em parte, essas iniciativas são impulsionadas pela frustração dos jornalistas em seguir realizando seu trabalho na mídia, possibilidade bloqueada pela dualização estrutural das carreiras.

Referências

- ADGHIRNI, Zélia Leal. Mudanças estruturais no jornalismo: travessia de uma zona de turbulência. In: ADGHIRNI, Zélia Leal; MOURA, Dione Oliveira; PEREIRA, Fábio Henrique (Orgs). **Jornalismo e Sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012, p. 61-79.
- BASTIN, Gilles. Paradox of the Pariah: Toward a Weberian Understanding of Modern Journalism. **Max Weber Studies**, v. 13, p. 216, 2013.
- BASTIN, Gilles. L'approche morphologique des mondes de l'information: modèles et données pour l'analyse séquentielle de la personnalité des journalistes. **Recherches en communication**, 43, 2016a (hal-01393518). Disponível em: <http://sites.uclouvain.be/rec/index.php/rec/article/view/10363/7713>. Acesso em: 01 jul. 2018.
- BASTIN, Gilles. Gravitation, aléa, séquence: Variations sociologiques autour du concept de carrière. In: DEMAZIÈRE, D.; JOUVENET, M. **Andrew Abbott et l'héritage de l'école de Chicago**, 2. Paris: Editions de l'EHESS, 2016b, pp.195-216,

¹¹ A pregação liberal começa às 7h no rádio, se estende às 23h na televisão e se oferece ao público o tempo todo na internet. É discurso religioso, porque vende como verdade um dogma. Nem keynesianos têm espaço no monopólio da análise econômica, muito menos marxistas.

BASTIN Gilles, Analyser les carrières de journalistes dans les mondes de l'information: propositions pour une enquête indirecte sur le réseau LinkedIn. In: LETEINTURIER, L.; FRISQUE, C. (Ed.). **Saisir les espaces professionnels des journalistes**. Des corpus quantitatifs aux analyses qualitatives. Paris: Presses de l'Université Paris II Assas, 2015, p. 203-220.

BASTIN, Gilles; MACHUT, Antoine. Gravitation et dispersion dans les carrières des journalistes passés par la presse quotidienne nationale. **Temporalités**, 23, 2016. (hal-01382317 | <http://temporalites.revues.org/3403>).

BEAN, Randall; WEAVER, David; BROWLEE, Bonnie. Changes in professionalism of US journalists in the turbulent twenty-first century. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 86, n. 2, p. 277-298, jun. 2009.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Éve. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

FIGARO, Roseli (org); NONATO, Cláudia; GROHMANN, Rafael. As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas. São Paulo: Atlas, 2013.

GARCIA, José Luís. Introdução ao estudo dos jornalistas portugueses. In: GARCIA, José Luís (org). **Estudos sobre os jornalistas portugueses: metamorfoses e encruzilhadas no limiar do século XXI**. Lisboa: ICS, 2009. p. 23-46

GORZ, André. **Metamorfozes do trabalho: Crítica da razão econômica**. São Paulo: Annablume, 2003.

GROHMANN, Rafael. **Os Discursos dos Jornalistas Freelancers Sobre o Trabalho: comunicação, mediações e recepção**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação), USP, São Paulo, 2012.

HARVEY, David. **17 Contradições e o Fim do Capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HUGHES, Everett. Ciclos, Pontos de Inflexão e Carreiras. **Teoria e Pesquisa**, n. 46, p. 163-173, jan 2005. Disponível em: <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/90/80>>. Acesso em 20 fev. 2018.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do Jornalista Brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.

PEREIRA, F. H.. Possibilidades de aplicação do conceito de carreiras profissionais nos estudos sobre jornalismo. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2011, Recife. **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom**, 2011. p. 15p..

PEREIRA, F. H.. Três estatutos, uma identidade. Comparação das carreiras profissionais de jornalistas, assessores de imprensa e professores de jornalismo em Brasília. In: 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2013, Brasília. **Anais...** Brasília: SBPJor, 2013. p. 19p..

PEREIRA, F. H.. Os estágios e a construção da carreira jornalística. In: 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2015, Campo Grande. **Anais do 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2015. v. 13. p. 16 p..

PONTES, F. S.; MICK, J. Crise e mercado de trabalho: trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017). In: **Anais do XXVII Encontro Anual da Compós**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_72JHNDAEFV9AD5MYXI08_27_6951_26_02_2018_14_58_21.pdf. Acesso em: 18 jul. 2018.

RIFFEL, Remy. **L'élite des journalistes**: les hérauts de l'information. Paris: PUF, 1984.

STANDING, Guy. **O precariado**: a nova classe perigosa. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

STRAUSS, A. L. **Miroirs et masques**. Une introduction à l'interactionnisme. Paris: Métailié, 1992.